



## **Teologia ou mitologia?**

### **A utopia da “Terra sem Males” em teólogos vinculados a YHWH, ao Pai de Jesus de Nazaré e a Nhandeci, “Nossa Mãe” dos guaranis**

Monika Ottermann

#### **Ementa enviada**

A comunicação discutirá elementos teológicos e/ou mitológicos presentes em três religiões que influenciam, perceptivelmente ou não, nossa religiosidade cristã latino-americana:

na religião suméria (a primeira amplamente documentada do Antigo Oriente, de forte impacto sobre a religião israelita); na religião javista (documentada na Bíblia Hebraica e matriz da religião cristã) e

na religião guarani (uma das religiões originárias das terras baixas da América do Sul, pouco documentada devido ao massacre sofrido a partir de 1500).

Como exemplo serve o imaginário do “Paraíso” / da “Terra sem Males”, com suas respectivas divindades: o deus YHWH e as deusas Inana e Nhandeci.



O tema desta comunicação é um teologúmeno<sup>1</sup> central e muito querido na nossa América Latina: a Terra sem Males, a *Yvy marane'ỹ*, como é seu nome em guarani. A “Terra sem Males” é um dos elementos mais conhecidos da religião guarani, e a busca por ela já se tornou um elemento da utopia que anima a Teologia da Libertação latino-americana.

Aqui não podemos abordar sua imensa abrangência sociopolítica e religiosa, e neste congresso também não deveria ser eu que o fizesse, já que sou uma estrangeira nestas terras. Deveria ser uma pessoa que é descendente das Primeiras Nações destas terras e que está muito mais preparada para tanto, devido a seus estudos e pesquisas teológicas, linguísticas e antropológicas – estou me referindo à professora Graciela Chamorro, a conferencista que vai falar logo depois, às 16.30.

Por isso quero apenas apresentar uma das descrições dessa Terra sem Males, na versão que contempla a deusa Nhandeci, e quero lembrar de alguns outros textos míticos que abordam utopias semelhantes registradas na Bíblia Hebraica e no Segundo Testamento.

Para começar basta lembrar do conteúdo central dessa busca pela “Terra sem Males”, e basta lembrar que ela é geralmente descrito como “mito” e não como teologúmeno, elemento teológico pertencente a uma religião. A edição mais completa e mais bela que conheço, oferecida pela Editora Paulus em 2009, faz parte de uma coletânea de literatura infanto-juvenil, e já esse fato deveria nos levar a refletir sobre a maneira de como

---

<sup>1</sup> TEOLOGÚMENO: termo ou noção teológica. Segundo Karl Rahner, “significa em primeira instância uma proposição teológica que não pode ser considerada imediatamente como doutrina oficial da Igreja, como proposição dogmática que obriga a fé, sendo que, porém, é antes de tudo resultado de expressão do esforço por entender a fé buscando conexões entre as proposições obrigatórias de fé (analogia da fé) e confrontando doutrinas dogmáticas com a experiência e o saber (profanos) de um homem (o de um tempo determinado). Não é necessário que tal proposição se distinga materialmente de uma tese de fé propriamente dita. Pode também estar contida implicitamente nessa tese de fé, no horizonte intelectual em que ela se anuncia, e na origem histórica do instrumental conceitual etc.”



costumamos tratar textos sagrados de outras religiões: frequentemente como contos de fada, lendas, coisas para criança, mas no mínimo como mito, no sentido de algo que pode ser importante, sim, mas que está claramente inferior às teologias, aos dogmas, aos textos bíblicos, às verdades da revelação divina que chegou a estas terras no massacre de sua cristianização. O livro da Paulus não deixa dúvida de que se trata de um “mito”. O título é “A Terra sem Males”, o subtítulo é “Mito Guarani”, e na contra-capas se diz com bastante sensibilidade e estima:

O mito da “terra sem males” nos fala do profundo anseio humano por um mundo melhor,

mais pleno e feliz para todos. Essa ideia está presente em diversas culturas

e é registrada em muitos mitos diferentes que, no fundo, apontam para esse mesmo anseio humano. Esses mitos alimentam nossa esperança de que “um outro mundo é possível”.

Vamos então lembrar da promessa central do mito guarani da “Terra sem Males”, depois vamos olhar para alguns mitos semelhantes nas culturas judaica e cristã, e finalmente vamos voltar para a “Terra sem Males” guarani na versão que nos fala também de Nhandeci, Nossa Mãe, que ali está esperando por nós, para nos acolher carinhosamente depois da nossa árdua caminhada até aquela terra.

Uma versão da promessa central da Terra sem Males diz assim:

Lá as plantas nascem por si próprias,  
a mandioca já vem transformada em farinha,



e a caça chega aos pés dos caçadores.

As pessoas nesse lugar não envelhecem nem morrem:

aí não há sofrimento, doença, nem maldade.

Essa mesma facilidade no plantio e no processamento dos frutos da terra, a facilidade de conseguir um bom churrasco, e a mesma ausência de qualquer sofrimento na vida humana aparecem em mitos da cultura judaica e da cultura cristã.

Um dos mitos judaicos ligados ao Monte Sião, o lugar do templo de YHWH na cidade de Jerusalém, promete:

Sobre esta montanha, Javé dos Exércitos prepara para todos os povos

um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos,

de carnes suculentas, de vinhos depurados.

Esta versão do banquete escatológico está em Is 26,6. Outra versão do mesmo mito, desta vez registrada em textos preservados no cap. 39 do Livro de Ezequiel, diz assim:

E tu, Filho do Homem – Oráculo de Javé –

dize a toda espécie de aves e a todos os animais selvagens:

Ajuntai-vos e congregai-vos de todas as bandas

para o sacrifício que vos ofereço,

um grande sacrifício sobre as montes de Israel.



Comereis carne e bebereis sangue.

Comereis a carne de heróis e bebereis o sangue dos príncipes da terra [...].

Comereis tutano até vos fartardes e bebereis sangue até vos embriagardes

com o sacrifício que vos ofereço.

Saciai-vos à minha mesa,

de cavalos e cavaleiros, de heróis e de tudo quanto é homem de guerra,

Oráculo do Senhor Javé.

É uma maneira um tanto drástica e pouco apetitosa de dizer que YHWH vai acabar com as guerras, mas não podemos deixar de incluí-la em nossas reflexões teológicas, já que faz parte da revelação divina registrada na nossa Bíblia.

Também no Segundo Testamento encontram-se essas utopias de fartos banquetes escatológicos. Basta lembrar das diversas parábolas que Jesus contou, embora haja em um desses banquetes, cheio de carnes suculentas, o inconveniente de ele não ser para todas as pessoas que foram convidadas – parece que pobre e morador de rua tem que alugar primeiro um traje de festa para não ser algemado e jogado de volta para as trevas de onde veio (cf. Mt 22,14).

Mas é sobretudo o Apocalipse de João que incorporou essas ideias em sua teologia: a Besta com todo seu exército será derrotada pelo Cavaleiro Branco que é o “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. E um anjo convida depois as aves do céu para o banquete “da carne de reis, capitães, poderosos, cavalos e cavaleiros, livres e escravos, pequenos e grandes” – é uma versão ampliada da promessa de Ezequiel. Esse trecho encontra-se no



cap. 19 do Apocalipse, num parágrafo que tem na Bíblia de Jerusalém, edição nova, revista e ampliada de 2002, o título impressionante de “O Extermínio das nações gentílicas”. E o banquete dessa vitória também não é para todos, pois em Ap 21 há uma farta lista de pessoas que não entrarão naquela Terra sem Males da Jerusalém que descera do céu, e de qualquer forma parece haver algum problema para todas as mulheres e para a grande maioria dos homens, porque a entrada é liberada só para 144.000 de homens virgens que não se contaminaram com mulheres (Ap 14,4).

Quanto à facilidade do plantio há no Livro de Deuteronômio resquícios de um lindo mito que explicita a ideia da “terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel, terra onde vais comer pão sem escassez”, porque essa terra “está cheia de ribeiros de água e de fontes profundas” (Dt 8,7-9): “Esta terra não é como a terra do Egito: lá semeavas tua semente e irrigavas puxando água do poço, como numa horta! Esta terra é uma terra que bebe água da chuva do céu! É uma terra de que Javé teu Deus cuida, e seus olhos estão fixos nela do início ao fim do ano. Darei chuva no tempo certo, chuvas de outono e de primavera. Poderás recolher teu trigo, teu vinho novo e teu azeite; darei erva no campo para teu rebanho, de modo que poderás comer e ficarás saciado” (Dt 11,10-15). É claro que se transferiu aqui atribuições do antigo deus do tempo daquelas terras para Javé, uma divindade que também veio de fora e que precisava lutar por espaço, inclusive ameaçando com a negação de toda essa bênção se não fosse ele a divindade adorada: “Cuidais para que o vosso coração não se deixe seduzir para servir a outros deuses, porque a cólera de Javé se inflamaria contra vós, e ele bloquearia o céu: não haverá mais chuva, e a terra não daria o seu produto, e seria vossa extinção da terra boa que Javé vos dá!”



A mesma transferência de mitos de outras divindades para Javé pode ser percebida no Livro de Oseias, que faz Javé dizer no cap. 14: “Israel, o que há ainda entre ti e os ídolos? Eu sou tua Anat e tua Aserá, eu sou como um cipreste verdejante, e é de mim que vem teu fruto!” Esse versículo, bastante corrompido no texto massorético, marca um momento que a pesquisa exegética já chamou de divórcio entre Javé e Aserá. Ou seja, é um dos muitos passos na imposição do javismo monoteísta que já não admitia mais que as bênçãos da terra pudessem vir de “Javé e sua Aserá”, sua consorte, a esposa divina ao seu lado, mas que concentrou tudo numa única imagem divina – uma imagem exclusiva, masculina, violenta e transcendente.

Também o conflito entre Jeremias e algumas mulheres sobreviventes dos massacres em torno da conquista babilônica de Judá aponta para isto: essas mulheres ficam pé e afirmam que sua desgraça veio de YHWH: “Quando queimávamos incenso para a Rainha do Céu, quando assávamos pãezinhos com a imagem dela e derramávamos vinho em honra dela, tínhamos pão em abundância, éramos felizes e não conhecíamos a guerra. Mas quando fomos obrigadas a parar de fazer isto, começou a faltar tudo, e nós morremos pela espada e pela fome!” (cf. Jr 44).

E quando Jacó abençoa José com a bênção das mamas e dos seios (Gn 49,25), supostamente um atributo de YHWH, é fácil perceber por trás disto algum lindo mito perdido que pode ser iluminado por achados arqueológicos. Por exemplo, nas recentes escavações de Tell Qasileh foi encontrada uma vasilha de cerâmica parecida a uma cuia de chimarrão, mas na forma de um corpo feminino. Esse corpo tem seios com bicos furados, de modo que o líquido derramado nesse recipiente jorrava pelos seios, numa perfeita *performance* da bênção que essa divindade feminina proporcionava.

Chegando finalmente ao último aspecto da “Terra sem Males”, a ausência de sofrimentos e do mal, basta lembrar dos lindos fragmentos



míticos nos quais YHWH, também identificado como o Pai de Jesus de Nazaré, consola seus fiéis (Is 25,8; Ap 21,3-4):

O Senhor Javé faz desaparecer a morte para sempre,  
ele enxuga as lágrimas de todos os rostos;  
ninguém fará o mal nem destruição nenhuma.

Ele, Deus-com-eles, enxugará toda lágrima de seus olhos,  
e nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor  
haverá mais.

Depois desta olhada para fragmentos de mitos ligados a YHWH, o Deus-conosco, o Deus Pai de Jesus, podemos olhar com mais propriedade para uma versão da Terra sem Males que inclui a presença de Nhandeci, uma divindade feminina guarani. O nome Nhandeci significa “Nossa Mãe”, e hoje em dia essa deusa se esconde por trás de “Nossa Senhora” em sua versão paraguaia, e um dos títulos que Maria de Nazaré recebeu no Paraguai é justamente este: Ñandesy, “Mãe Nossa”. A versão da Terra sem Males que inclui Nhandeci foi publicada em 1914 por Curt Unkel<sup>2</sup>, um operário alemão pobre que imigrou ao Brasil no início do séc. XX. Ele se tornou um “irmão dos índios”, e quando se naturalizou brasileiro em 1922, assumiu com orgulho o nome que os guarani lhe deram: Nimuendaju. Hoje, ele é reconhecido como um dos maiores antropólogos do Brasil e tem suas cinzas veneradas numa das urnas do Museu Paulista do Ipiranga.

---

<sup>2</sup> Nimuendaju Unkel, Curt. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani. In: *Zeitschrift für Ethnologie* 46. 1914, p. 284-403; textos p. 394ss. Tradução brasileira: *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da religião dos apapocúva-guarani*. Tradução por Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Hucitec e Editora da USP, 1987.





Nimuendaju anotou uma versão da Terra sem Males contada em guarani por Joguyrovujú, o pajé de um grupo de guaranis apapocúva, o grupo ao qual pertencia o próprio Nimuendaju. Naquele ano de 1914, esse grupo já estava no interior do Estado de São Paulo, a caminho para o litoral, para alcançar ali a Terra sem Males. À diferença de versões mais conhecidas, a versão contada por Joguyrovujú nem sequer menciona Nhandervuçu, “Nosso Grande Pai”, que decide acabar com a terra devido à maldade de seus habitantes e orienta um pajé para ir em direção ao mar, construir ali uma casa de tábuas e dançar até ela finalmente voar até o céu. Enquanto essa versão do mito se assemelha ao mito de Noé, registrado no Livro do Gênesis, a versão apapocúva se assemelha ao mito de Moisés e dos hebreus, registrada no Livro do Êxodo.

Então, escutemos o que Nimuendaju escutou da boca de Joguyrovujú:

*Dançamos ao longo de um ano, e depois o caminho se revela ao pajé. Quando o tempo for cumprido, o caminho revela-se a ele. Então vamos com ele em direção ao oriente e chegamos à água eterna. E nosso pai (o pajé) anda sobre ela para o outro lado, e seus filhos (discípulos) andam sobre a terra, e para eles, a água está seca.*

*Passamos para o outro lado e chegamos ao bosque de jabuticaba. Ali, quando queremos chegar à casa de Nhandecy, há a grande plantação antiga e a moita de bananas. Passamos por eles e entramos na floresta. E nossa boca fica seca, e encontramos mel para beber. E passamos por ela e chegamos à laguna de água pegajosa. Ali não bebemos, e finalmente nossa boca fica muito seca. Depois passamos e chegamos à água boa, e ali bebemos.*



*De lá vamos para a casa de Nhandecy. Ao chegar perto, vem ao nosso encontro o arara e nos pergunta: “O que meu filho quer comer?, diz Nhandecy.” Então lhe contamos: “Queremos comer mbujape doce, e também queremos comer bananas amarelas!” Então passamos, e vem ao nosso encontro o sabiá. Ele vem ao nosso encontro e nos pergunta: “O que meu filho quer comer?” E lhe contamos: “Quero comer (beber) caguiju!” E ele volta e o conta a Nhandecy. E quando chegamos, Nhandecy chora. E Nhandecy diz:*

*“Na terra, a morte acaba com vocês. Não voltem para lá, agora fiquem aqui!”*

Neste mito, alguns detalhes chamam a nossa atenção: no início constam elementos que parecem ser inspirados pelo mito israelita da passagem pelo Mar Vermelho, um mito que por sua vez influenciou os mitos cristãos da passagem de Jesus de Nazaré pela morte e pelo inferno. Mas depois, a narração envereda com maestria para elementos autenticamente guaranis: descreve os sofrimentos da viagem e atribui à Nhandeci, a divindade que acolhe os viajantes, o rito indígena praticado nessa situação: ao receber visitas, as pessoas visitadas as abraçam chorando, para lembrar juntos dos sofrimentos passados na viagem. É um detalhe que merece nossa meditação: YHWH, o Pai de Jesus, enxugará as lágrimas de todos os olhos – Nhandeci, a Nossa Mãe guarani, chora junto.

Também os outros elementos da acolhida respiram um espírito de ternura e abertura: Nhandeci envia as aves que a servem, o arara e o sabiá, para perguntar o que seus filhos querem comer. Nada de disparar urubus para acabar com os pecadores, nada de perguntar pelas boas obras ou pela fé dogmaticamente correta, para saber se todos realmente poderão entrar, nada de verificar quem é virgem ou casado na Igreja e devidamente disfarçado em trajes domingueiros, para poder se aproximar da mesa do



Senhor. Não, na mesa dessa Senhora vale um simples “Gente, o que vocês querem comer? De que vocês gostam?”

Banana amarela e mel, claro, quem não conhece isto? Mas depois vem *mbujape* e *caguijy*. Alguém aqui conhece? Então, o *mbujape* é um bolo de milho, preparado até hoje, e dizem que os guaranis do Paraná o preparam para o batismo das crianças e que é regado com mel silvestre. Já o *caguijy* é a bebida fermentada na base de milho, também conhecida como chicha, e num site folclórico do governo do Paraná encontrei a afirmação: “*Alimento dos Pajés. A bebida de milho e o bolo de milho são alimentos sagrados.*”<sup>3</sup> Portanto, estamos aqui diante de uma das muitas variedades no cardápio celestial de comidas e bebidas sagradas, variedades que refletem a abundância do amor divino e que vão muito além da hóstia e do vinho controlados por dogmas excludentes, e na prática ciumentamente negados à maioria das pessoas que desejam se alimentar deles.

Para mim é cada vez de novo impressionante como todos os tempos e todas as culturas criam suas divindades em sua própria imagem e semelhança, e penso que aprender a viver na casa dessa divindade guarani, da Nossa Mãe, Nhandeci, seria uma boa solução para evitar que, nesta terra onde tentamos viver, a morte acabe com a gente.

No fim desta comunicação restam muitas perguntas que não podem ser discutidas neste momento, e a que mais me intriga é a seguinte:

quando olhamos pelos elementos narrativos e míticos dos teologúmenos aqui apresentados – por que será que uns são chamados de mito, lenda, conto de fada, e outros de revelação divina? Por que tratamos as

---

<sup>3</sup> “*Nhanerãmoí kuery rembi’u. Kaguijy ha’e mbojape ma nhande Kuery rembi’u etei.*” Cf. <http://www.prdagente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>



mensagens de *um* grupo de textos como teologia, e as mensagens de *outro* grupo como mitologia?

Quais são os nossos critérios, acadêmicos, espirituais e pastorais, para identificar e interpretar elementos míticos em textos sagrados judaicos e cristãos, e

para identificar e interpretar elementos teológicos em textos sagrados guaranis ou de outras religiões

originárias do nosso próprio continente?

Tenho a suspeita incômoda de que, bem no fundo dos nossos corações e das nossas mentes, ainda trabalhamos com o velho critério usado por todos os impérios de todos os tempos e espaços:

a mitologia dos vencedores se torna teologia, e a teologia dos derrotados se torna mito – inclusive mito entendido como invenção e mentira ou, no melhor dos casos, como superstição, conto de fada, coisa para criança, no mesmo nível dos Papais Noel que logo mais voltarão para as praças de alimentação dos nossos shoppings, que são os paraísos do século XXI, não menos excludentes do que o paraíso controlado pelo anjo de espada flamejante ou por São Pedro.

Como fazer para recriar um mito de paraíso que oferece consolo, comida e bebida para toda essa gente que busca Terras sem Males e com Alegrias em abundância?